

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL – UFRGS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Lucas Kazuo Okano

O Problema da Eternidade do Mundo

Porto Alegre

2017

Lucas Kazuo Okano

O Problema da Eternidade do Mundo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Carlos Storck

Porto Alegre

2017

Lucas Kazuo Okano

O Problema da Eternidade do Mundo/ Lucas Kazuo Okano. – Porto Alegre, 2017-

41 p. : il. (algumas color.) ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Carlos Storck

Trabalho de Conclusão de Curso – , 2017.

1. Metafísica. 2. Tomás de Aquino. I. Orientador. II. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. III. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. O Problema da Eternidade do Mundo

CDU 02:141:005.7

Lucas Kazuo Okano

O Problema da Eternidade do Mundo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Filosofia.

Prof. Dr. Alfredo Carlos Storck
Orientador

Prof. Me. Pedro Kosen Capra
UFRGS

Prof. Me. Rodrigo Marinho
UFRGS

Porto Alegre
2017

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço ao meu orientador Alfredo Storck pelos quatro anos de trabalho.

Agradeço aos meus pais pela paciência, pelo suporte econômico e por serem uma fonte de fibra moral.

Agradeço aos meus amigos da filosofia pelas discussões acaloradas sobre os temas mais diversos.

Agradeço aos meus amigos da física pelo contato mantido, pelas saídas, pelas comilanças, pelas jogatinas. Em especial, a José Pellizzaro pela ajuda nas últimas horas desse trabalho.

Agradeço aos meus amigos do colégio por todo esse tempo compartilhado.

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

(Álvaro de Campos, Tabacaria)

Resumo

Esse trabalho visa apresentar a resposta de Tomás de Aquino para a questão a respeito de se o mundo teve um início de duração ou não. Também, visa apresentar a resposta de Tomás para uma questão derivada, isto é, saber se o mundo também poderia ter sido eterno. Tomás argumenta que a primeira questão não pode ser resolvida pela razão; embora, uma resposta possa ser dada pela fé. Por esta, sustenta-se que o mundo teve um começo de duração. Muito embora exista uma resposta para a primeira questão, a questão derivada ainda necessita de uma resposta, porque se pergunta a respeito da possibilidade de um mundo eterno e criado. Argumento que Tomás aceita essa possibilidade. Sua principal razão é que se o mundo não pudesse ser eterno, então haveria uma maneira de demonstrar uma resposta para a primeira questão. Para fazê-lo, os principais textos sobre esse assunto serão comparados e analisados.

Palavras-chaves: Metafísica. Tomás de Aquino. Eternidade do Mundo.

Abstract

This work aims to present Thomas Aquinas' answer to the question whether the world has had a beginning in time or not. Also It aims to present Aquinas answer to a derivative question, that is whether the world could also have been eternal. Aquinas argues that the first question cannot be solved by pure reason; although, an answer to this question can be given by faith. And that is to say that the world had a beginning in time. Even though there is an answer to the first question, the derivative question still needs an answer, because it asks about the possibility of an eternal created world. I argue that Thomas Aquinas accepted that possibility. His main reason is that if the world could not be eternal, then there is a way to demonstrate an answer to the first question. In order to do that, the main texts concerning this subject will be compared and analyzed.

Key-words: Metaphysics. Aquinas. Eternal World.

Lista de abreviaturas e siglas

DA	De Aeternitate Mundi
STh	Suma Teológica
SCG	Suma Contra os Gentios

Sumário

1	INTRODUÇÃO	10
2	DE AETERNITATE MUNDI	14
2.1	O Problema da Eternidade do Mundo	15
2.2	A Estrutura da Argumentação	16
2.3	Causa Eficiente e Eternidade	16
2.4	As Impossibilidades	17
2.4.1	Do Agente	18
2.4.2	Da Coisa	18
2.5	Remoção da Potência Passiva	19
2.6	Contradição	20
2.6.1	Causa Atuante	20
2.6.2	Não-Ser	22
3	SUMA TEOLÓGICA	24
3.1	Debate Sobre a Eternidade do Mundo na ST	24
3.2	Artigo 1 – Não há necessidade para o mundo ser eterno	24
3.3	Artigo 2 - Resposta pela Fé	26
3.4	Causa Eficiente e Eternidade	27
3.5	Remoção da Potência Passiva	28
3.6	Causa Atuante Anterior	29
3.7	Não-Ser Anterior	31
4	SUMA CONTRA OS GENTIOS	32
4.1	Causa Eficiente e Eternidade	34
4.2	Remoção da Potência Passiva	34
4.3	Causa Atuante Anterior	36
4.4	Não-ser Anterior	36
5	CONCLUSÃO	38
	REFERÊNCIAS	41

1 Introdução

No opúsculo DA, Tomás defende a possibilidade do mundo eterno. A pergunta que se coloca em seguida é por que ele o faz? O que torna essa pergunta válida é o fato que Tomás defende na STh que o mundo não é eterno. Assim, o que se tem é de um lado a defesa da possibilidade, do outro, a negação da tese que essa possibilidade se concretizou. Mas o que é o mundo eterno?

Os Sentidos de Eternidade

Pode-se encontrar entre os filósofos medievais duas ideias que podem ser expressas pelo conceito de eternidade. Diz-se eterno tanto (1) àquilo que não tem início ou fim; quanto (2) àquilo que está fora do tempo, ou que não pode ser expresso por uma lógica temporal.

O primeiro tipo de eternidade pode ser encontrado também pelo conceito de sempiternidade e diz respeito ao que é temporalmente infinito. Pode-se indicar também a palavra “intérmino” que indica justamente a falta de um termo temporal. O tempo, neste caso, demarca a grandeza que serve de referência, ou medida, para que se afirme tal ausência de um termo para qualquer um dos sentidos da reta do tempo, tanto no que se refere à falta de um termo inicial, quanto à futura inexistência de um termo final, ou “término”. Assim, a referência que se estabelece é necessariamente em relação ao tempo, tal é um fator decisivo nesse tipo de eternidade.

O conceito aristotélico de tempo está relacionado à mudança, “o tempo é a medida do movimento”, logo o que é temporal necessariamente está sujeito ao devir. Aqui, contrapõe-se o que é temporal com aquilo que não muda. Portanto, o segundo tipo de eternidade procura captar a ideia da imutabilidade. Essa ideia não se dá por referência à grandeza temporal, mas por afirmar uma imutabilidade absoluta, que não faz referência a qualquer coisa, ou não é relativa a nada. Desse modo, é preferível usar o conceito de atemporalidade. Pode-se utilizar uma analogia com um exemplo comum em assuntos de ética que é o caso da diferença entre imoral e amoral. O imoral é aquele que dentre de uma lógica moralista recebe um juízo negativo de valor. O amoral é aquele que não pode ser julgado dentro dessa lógica, por não cumprir com os pré-requisitos de imputabilidade de um julgamento moral. Um exemplo é o caso dos animais, não se pode dizer de um animal que ele é imoral.

Como exemplo do uso dessa última noção, a eternidade no sentido de atemporalidade foi usada para se distinguir metafisicamente a natureza de Deus da natureza das outras entidades, ou criaturas. Este uso em especial será útil para Tomás, pois várias objeções que

pretendem demonstrar a tese do mundo eterno utilizam-se do tempo como objeto principal de seu argumento. Tomás utilizará a noção aristotélica de tempo, que ele compatibiliza com a ideia de que até mesmo o tempo deve ser tomado como uma criatura.

O mundo eterno

O propósito do pequeno adendo anterior era apresentar as concepções possíveis de eternidade para, então, determinar qual delas será utilizada para o caso do mundo eterno e qual será utilizada quando se falar da eternidade de Deus. Não que esta tenha sido uma apresentação exaustiva das possibilidades, de fato, não era esta a intenção.

Já deve ter ficado claro que a noção de eternidade que cabe ao mundo é a sua falta de termo em uma lógica temporal. O termo temporal pode ser tanto o instante inicial quanto o final, mas, nesse caso, o que está em questão é a sua falta de começo. Assim, a eternidade do mundo é tomada no sentido de uma temporalidade infinita em direção ao passado. A princípio, inaugura-se outra questão ao se perguntar sobre a eternidade do mundo no sentido da ausência de um fim. Doravante, quando se falar em eternidade a respeito do mundo entende-se sua falta de começo.

O mundo eterno e o mundo com início

Poder-se-ia dizer que dada qualquer possibilidade real, logicamente se pode pensar na sua negação. Assim, se considerarmos a questão que diz respeito ao começo do mundo, chegaríamos a duas possibilidades lógicas: ou bem ele teve um começo, ou não teve um começo. Porém, pode-se entender de duas maneiras diferentes a afirmação de que ele não teve um começo: (1) ele não existe; ou (2) ele sempre existiu.

Tomás não defende simplesmente que o mundo poderia não existir atualmente, ele afirma a possibilidade de um infinito factual. O que é necessário ressaltar é que a oposição aqui se dá entre o mundo que teve um começo no tempo e o mundo eterno. Afinal, interpretar a falta de início como significando que ele não existe não leva a nenhuma questão disputada. Em suma, a questão sobre o começo do mundo coloca duas possibilidades para o tipo de mundo em que estamos. Ademais, isso é uma questão factual elaborada em termos de uma dicotomia, portanto ter uma razão contrária para um dos lados necessariamente se tem um motivo para afirmar o outro.

Porém, o problema da eternidade do mundo é justamente saber se há tal dicotomia na questão do começo do mundo. Afinal, a dicotomia está em função da viabilidade dessa possibilidade. Assim, pode-se responder tanto que a dicotomia é válida, existiu a possibilidade, quanto que na verdade as opções eram simplesmente criar ou não criar o mundo, logo respondendo não à possibilidade do mundo eterno.

Como dito acima, Tomás defende que o mundo não é eterno, mas que a possibilidade de ele ter sido criado assim foi real. Algumas respostas divergentes podem surgir sobre a razão pela qual ele teria feito essa defesa. Abaixo

A resposta de Grijs

Grijs (1990)[6] argumenta que, apenas se o mundo eterno é possível ou não contraditório, na opinião de Tomás, pode-se construir um discurso sobre a eternidade de Deus. Porém, pela opinião da época, a procura por uma caracterização da natureza de Deus só pode ser satisfeita por um tipo muito específico de empreendimento teórico. Esta forma específica de teologia é chamada de teologia negativa, sendo ela o discurso que pretende falar sobre Deus, mas de maneira apenas a excluir o que não cabe dizer sobre ele. Assim, o discurso se concentra em situações que possam servir de paradigma negativo para uma determinada característica em questão. É por excluir o que não cabe se dizer de Deus que torna mais restrito o discurso sobre o que ele é, aproximando da correta descrição. Porém, sem nunca afirmar nada positivamente quanto à sua natureza, dado que é um discurso indireto. Assim, o esforço de Tomás em tornar inteligível a noção do mundo eterno é motivado para fins de tornar viável a comparação com a eternidade de Deus. A eternidade do mundo, portanto, é o que a eternidade de Deus não é. Tomás estaria se comprometendo com a dicotomia dos dois tipos de mundo simplesmente pelo fato que assim se exclui o erro de considerar a eternidade de Deus igual a do mundo, a saber, que ela seja de uma natureza temporal. Como a resposta ao PEM se faz necessária apenas para viabilizar a comparação, torna-se fraca a relação com a resposta que Tomás dá ao debate do começo do mundo, pelo menos, com a parte filosófica da sua resposta.

A resposta de Aertsen

Aertsen (1990)[4] é da opinião que Tomás tem uma concepção muito própria da ideia de criação. Na verdade, a abordagem de Tomás se dá por duas vias, o que leva a duas maneiras diferentes de se entender a ideia de criação. É característico de Tomás diferenciar dois domínios: o da fé e o da razão. Assim, em cada um, Tomás apresenta uma abordagem específica para o conceito de criação. A tese de Aertsen é que a questão sobre a possibilidade do mundo eterno é importante por ser um caso onde calha de ser importante diferenciar essas duas concepções de criação vinculadas aos diferentes domínios.

Para Aertsen, a noção central do opúsculo a ser analisada é a ideia de criação ex nihilo. É a partir dela que entra em questão saber se a criação encerra uma ordem temporal entre causa e efeito. Tomás argumenta que há duas ideias diferentes que se encontram nessa expressão. A primeira é essa mais comum, que ser criado a partir do nada diz respeito a uma ordem temporal entre o nada e a criatura, logo ela é contraditória

em relação à ideia que alguma criatura pode ser eterna. A segunda é que, na verdade, o que está em questão é a natureza da criatura e o seu princípio de origem. Aqui, Aertsen introduz uma distinção que Tomás parece estar usando, que é a diferença entre princípio de origem e princípio de duração. Tomás afirma que é necessário para o mundo ter um princípio de origem, mas isso não implica que ele precise ter um princípio de duração, isto é, um início no tempo. O caso do mundo eterno é justamente isso.

A Tese Defendida

Foram apresentadas duas concepções diferentes do lugar e da razão de ser do opúsculo no interior da obra de Tomás de Aquino. Porém, nenhuma delas será endossada nesse trabalho. A tese que será defendida propõe uma ligação mais íntima entre a questão do começo do mundo e a questão a respeito da possibilidade do mundo eterno. Caso se entenda a questão do começo do mundo como uma dicotomia entre um mundo eterno ou um mundo com começo no tempo, negar a possibilidade do mundo eterno constitui uma demonstração para a tese do mundo com começo.

A importância do PEM como questão disputada é a defesa de uma tese controversa por motivo de coerência dela com a sua resposta à questão do começo do mundo. Dado que Tomás defende a não demonstrabilidade de nenhuma das teses, deve ser mantida a possibilidade do mundo. Caso contrário, isso constitui uma demonstração tendo como premissa a razão pela qual não pode haver mundo eterno.

Para tal, será feita uma análise da argumentação do opúsculo, onde está sua resposta ao PEM, e da STh, onde está sua resposta à questão do começo do mundo. A SCG entra como suplemento teórico de modo a auxiliar algumas partes menos claras tanto da argumentação do opúsculo, como principalmente da STh.

2 De Aeternitate Mundi

O PEM está formulado explicitamente no opúsculo intitulado Sobre a Eternidade do Mundo. Nele, há uma explicação completa do que na metafísica tomista é apreendido pelo conceito de possibilidade. Entretanto, é uma análise diretamente aplicada a um caso específico, que é o caso do mundo eterno.

Tomás de Aquino apresenta um argumento exaustivo no DA, isto é, aquele que tem como estratégia passar em revista todas as alternativas envolvidas no tratamento da questão. Cada ponto analisado é uma possível dificuldade para a possibilidade do mundo eterno. Assim, se em todos os pontos onde poderia haver problema não há, conclui-se que o mundo eterno era possível. Esta parece ser a estrutura geral do argumento presente neste texto.

Porém, no que diz respeito à conclusão, existe uma dificuldade. Tomás em nenhum momento do texto fala explicitamente que o mundo eterno era possível: não há enunciação da tese principal. Contudo, também, não é o caso que ele afirme explicitamente que o mundo não poderia ser eterno. Interpretar como se ele defendesse que não há possibilidade parece ser difícil, visto que o texto logicamente leva para a direção contrária. Além do mais, há uma razão extra textual para se pensar que ele deve defender a possibilidade do mundo eterno: por motivos de coerência no interior do seu próprio sistema teórico.

Um tipo notável de modelo de argumentação é de via negativa, chamada redução ao absurdo. Dado uma disjunção qualquer, se por um dos disjuntos chega-se a uma tese inaceitável, conclui-se o outro lado da disjunção. Assim, negar a possibilidade do mundo eterno foi uma das estratégias de demonstração para a tese do começo do mundo (q. 46, a. 2, obj. 5, 6, 7, 8). Dado que essa possibilidade não existe, conclui-se que o mundo teve um começo no tempo. Portanto, o segundo problema está diretamente conectado ao primeiro.

A razão para pensar que Tomás deve defender a possibilidade do mundo eterno é que, caso o mundo eterno fosse impossível por algum dos pontos considerados no DA, tal seria uma via de demonstração nos moldes anteriores para a questão do começo do mundo. Em outro texto, ele é bem claro a esse respeito. Na ST, Tomás responde que não só o mundo não foi eterno, como também que essa questão em específico não é matéria de demonstração. Para que a coerência entre os dois textos seja mantida, a resposta só pode ser positiva quanto à possibilidade. Porém, como adiantado antes, mesmo que exista uma razão para defender uma das teses, pode ser o caso que a análise presente no DA seja inconclusiva.

Todas as dificuldades consideradas no DA dizem de alguma forma respeito à noção de temporalidade. Em cada ponto analisado, parece ser necessária uma distinção temporal

entre os eventos de causa e efeito. Porém, dado que o mundo é eterno, não pode haver nada anterior a ele. Assim, o efeito nunca começou a existir, portanto a causa não pode ser anterior a ele em termos temporais. O esforço de Tomás é justamente explicar como certos pressupostos metafísicos aceitos por ele podem manter-se à luz da ausência de certas relações temporais.

2.1 O Problema da Eternidade do Mundo

Pensar a respeito do começo do mundo foi sempre escolher um dos lados de uma dicotomia: ou o mundo começou num instante t , anterior ao qual não há mundo; ou ele sempre existiu, logo não importa em qual parte do tempo decorrido sempre haverá mundo. Com o surgimento da fé católica, os teólogos interpretaram que a resposta canônica da fé cristã é que o mundo teve um início.

Tomás de Aquino pensava que os domínios da fé e da razão são independentes, porém não incompatíveis. Pelo contrário, para ele, existe uma área onde tanto pela fé como pela razão se afirmam as mesmas teses. Nessa intersecção, há uma certa prioridade da razão, pois onde há demonstração não se precisa crer por revelação. Desse modo, é sempre importante para ele deixar claro quais são as questões dessa intersecção, como também quais os argumentos que são suficientemente demonstrativos no que diz respeito à matéria da teologia.

Para a questão do começo do mundo não existem argumentos demonstrativos: isso é o mesmo que dizer que a questão é irresoluta no âmbito da razão. Assim, mesmo que se aceite que a resposta à questão seja que o mundo tenha começado, os argumentos que procuram demonstrar essa tese devem ser rejeitados. Tomás apresenta os motivos pelos quais não se podem aceitar tais argumentos, mesmo que tenham, como ele supõe, uma conclusão verdadeira. Claramente, a razão não exerce um papel de mero reforço da fé. Porém, no debate da época (séc. 13), surgiu uma disputa derivada: saber se o outro lado da dicotomia era uma possibilidade, mesmo que seja considerado que ele não tenha ocorrido. O mundo eterno era possível? Tal é o chamado Problema da Eternidade do Mundo (PEM).

A resposta não necessariamente será simples, Tomás pode proceder como o fez na questão do início do mundo. O PEM pode ter a mesma natureza de ser irresoluto no âmbito da razão. Aqui, introduz-se um ponto interessante, pois no caso da primeira ainda pôde-se encontrar uma resposta dada pela fé. Porém, pode não ser o caso de encontrar uma resposta pela fé para o PEM. Assim, a resposta seria a impossibilidade de resolução. Dado que a teologia cristã é uma doutrina da salvação, o seu conteúdo é reduzido apenas àquilo que é essencial a esse fim.

2.2 A Estrutura da Argumentação

Primeiramente, Tomás explica o PEM de modo a diferenciar duas concepções de mundo eterno. Não será introduzida, nessa parte, outra concepção de eternidade aplicável ao mundo. O importante é diferenciar uma interpretação comum da eternidade como ausência de uma causa eficiente daquilo que de fato pode estar em questão que é o mundo ter um causa eficiente não temporal. Isso se dá por uma análise da compatibilidade entre duas noções: ser criado e não ter início.

A primeira dificuldade é a falta de uma matéria prévia subjacente, que responderia por parte da possibilidade do mundo vir a ser. Afinal, dado que o mundo não teve início não pode haver matéria anterior pela qual ele seria criado. Tomás apresenta o exemplo do anjo que representa uma entidade não material.

A segunda dificuldade é a falta de uma anterioridade da causa atuante com relação ao seu efeito que é o mundo. A base da dificuldade é o arcabouço comum da estrutura da causação, sendo a causa anterior ao efeito, de modo que a relação se mantém sob a condição de uma distância temporal dos eventos. Porém, Tomás apresenta o caso da causação simultânea, onde os eventos acontecem no mesmo instante temporal, mas sem, por isso, deixar de manter a relação entre causa e efeito. O caso exemplar é a iluminação.

A terceira dificuldade é a falta de uma anterioridade do não ser com relação ao mundo. Nessa parte, interpreta-se a expressão criação ex nihilo. Tomás argumenta que a expressão encerra uma ordem de natureza, não de duração. Após esta visão geral é interessante analisar mais a fundo os tópicos apresentados anteriormente.

2.3 Causa Eficiente e Eternidade

O argumento mais importante que diz respeito a esse assunto em específico é como segue:

Se se entender que alguma coisa pôde ter existido sempre além de Deus, como se pudesse existir algo todavia por ele não produzido, isso é um erro abominável não só segundo a fé como também segundo os filósofos, os quais afirmam e demonstram que tudo quanto de qualquer maneira existe não pode existir a não ser que tenha sido causado por aquele que tem o ser máxima e verissimamente. Se, porém, se entender que algo existiu sempre, mas tendo sido na sua totalidade causado por Deus, ver-se-á se essa afirmação pode manter-se. (AQUINO, 1996, pg. 11)[1]¹

¹ Em latim: Si enim intelligatur equod aliquid preter Deum potuit semper fuisse quase possit esse aliquid, tamen ab eo non factum, error abhominabilis est, non solum in fide, sed etiam apud philosophos, qui confitentur et probante omne quod est quocumque modo esse non posse, nisi sit causatum ab eo qui maxime et uerissime esse habet. Si autem intelligatur aliquid semper fuisse, et tamen causatum fuisse a Deo secuntum totum id quod in eo est, uidendum est utrum hoc possit stare.

A primeira resposta, talvez a mais intuitiva, que Tomás dedica o seu primeiro esforço teórico de refutação, é aquela que contrapõe a tese da criação à tese do mundo eterno. Nessa interpretação, o mundo é eterno, porque ele não foi criado. Logo, a falta de início é o critério que determina a independência a um primeiro princípio.

Nessa interpretação, a resposta seria negativa para o PEM, na medida em que as características são interpretadas como contraditórias. Porém, não é o caso que Tomás aceite esse critério. A resposta de Tomás é que há um argumento para provar a dependência do mundo a um primeiro princípio, mas isso não implica, apenas por isso, que ele precise ter um início.

A noção de causa eficiente é cara a Tomás de Aquino, pois ele a interpreta como sendo o paralelo filosófico da noção de criação. Não que para ele as duas coisas signifiquem o mesmo, mas que em última análise Deus responde pela causa eficiente de todas as criaturas. A causa eficiente é uma das quatro causas de Aristóteles, estas formam o paradigma de uma explicação completa a respeito da coisa. A causa eficiente, em particular, responde a respeito da origem da mudança ou da geração da coisa. No famoso exemplo de Aristóteles, o escultor é o princípio da mudança da estátua, o princípio que dá origem a substância em questão, ou o que provoca o seu devir.

A premissa dessa interpretação é que aquilo que não é criado não tem início. Ademais, também se afirma o seu inverso: que o que não tem início não é criado. Tomás aceita a primeira implicação, porém não é o caso que ele precise se comprometer com a segunda, que é justamente o seu ponto. Afinal, logicamente, a segunda proposição não é consequência da primeira.

A primeira resposta vê a eternidade do mundo como a ausência de uma causa eficiente; e a criação como a presença de uma causa eficiente. A objeção, então, visa apresentar um argumento que afirme a necessidade de uma causa eficiente mesmo para o caso do mundo eterno, de modo que se rejeite a interpretação da eternidade como a ausência desta. O primeiro movimento da objeção tem, portanto, que desassociar a necessidade de uma causa eficiente primeira, que Tomás aceita, com a necessidade de ter um início.

2.4 As Impossibilidades

Após a eliminação da primeira noção problemática de eternidade, entendida como a ausência de uma causa eficiente para o mundo, passa-se, então, a analisar se a tese não pode ser mantida por outros motivos. Tomás de Aquino dá dois tipos de motivo pelos quais não poderia haver essa possibilidade: impossibilidade pelo agente ou pela coisa.

A análise parece ser a seguinte, quando algo não pode ser feito: ou é um problema

com quem faz, ou com o que se pretende fazer. Se for com quem faz, o que impossibilita a feição diz respeito às capacidades daquele que executa a ação. Desse modo, a coisa não é feita por motivos referentes à incapacidade do agente. Se for com o que se pretende fazer, então, não existe nenhuma maneira de fazer, de modo que a ideia da coisa é problemática em si.

2.4.1 Do Agente

Como visto, se as habilidades do agente são limitadas, existe alguma ação que não pode ser realizada pelo sujeito, embora a ação possa ser feita por um agente mais competente. De acordo com a análise de Tomás, não há impossibilidade no que se refere ao sujeito, pois tal se dá apenas por motivos de sua incapacidade. Portanto, se Deus é considerado uma entidade onipotente, por definição não há incapacidade. Logo, não há tal impossibilidade nesse ponto.

2.4.2 Da Coisa

Quanto ao que se pretende fazer, Tomás parece dividir os problemas em dois: remoção da potência passiva e repugnância lógica. Essa divisão é um tanto estranha, pois a análise do conceito de contradição recai basicamente em considerações metafísicas. Porém, dado que foi dividido assim é interessante manter a divisão do texto original.

Quanto ao primeiro critério, o conceito de potência passiva se refere ao conceito de matéria. O mundo eterno poderia ter o problema de não ter uma matéria anterior a partir da qual ele teria sido feito. Tomás apresenta um caso emblemático para resolver a questão: o caso do anjo. Ademais, explica O segundo critério é que a ideia da coisa pode envolver repugnância lógica. O mundo eterno, nesse caso, seria como um círculo quadrado. Os termos que irão ser analisados se são: ser criado e não ter início. Assim, analisa-se se a ideia é problemática em si, isto é, se envolve dois conceitos contraditórios.

O foco da análise de Tomás nesse segundo ponto é o conceito de criação, e é onde a análise se estende mais. Assim, se o conceito de ser criado implicar que a coisa tenha um começo no tempo, o mundo eterno é uma contradição de termos. Dois são os critérios que podem fazer com que o mundo eterno seja uma contradição em termos: ou a causa atuante deve ser anterior, ou o não ser deve ser anterior. O que é comum em ambos é a questão de ser ou não necessária a anterioridade. Afinal, nada pode ser anterior ao mundo eterno, assim se for necessário que algo o seja, e essas são considerações metafísicas, o mundo eterno não será possível.

2.5 Remoção da Potência Passiva

O trecho mais importante que trata sobre esse assunto em específico é mostrado a seguir:

De acordo com a primeira maneira poderia dizer-se antes que o anjo antes de ter sido feito: “o anjo não tem [a partir de si] a possibilidade de ser feito”, pois nenhuma potência passiva precede sua existência, já que não foi feito de matéria prévia subjacente; no entanto, Deus podia ter feito o anjo e podia ter feito com que o anjo fosse feito, porque o fez e ele foi feito. Entendendo desta maneira, deve conceder-se, tendo isto em vista, que, segundo a fé, aquilo que é causado não pode existir sempre, pois afirmar isto seria afirmar que a potência passiva existiu sempre, o que é herético.(AQUINO, 1996, pg. 13)[1]²

A terminologia potência passiva se refere ao conceito de matéria, que é oriundo do vocabulário de Aristóteles. A matéria é considerada o receptáculo das afecções, isto é, aquilo que recebe a forma e os acidentes, e o que permanece mesmo que se alterem as características da coisa em questão, isto é, é o que mantém a identidade da coisa durante a mudança. A substância aristotélica é um conjunto de matéria e forma. Embora a matéria nada seja, quando tomada em separado das características que nela inerem. A matéria chama-se potência passiva, pois ela é a responsável por garantir a possibilidade da mudança, ou possibilidade de atualização.

Tomás usa o exemplo do anjo para esclarecer esse ponto. O anjo não é considerado como as outras criaturas naturais, um composto de matéria e forma. Logo, a possibilidade anterior à existência do anjo não pode vir da matéria do anjo. Esse exemplo elucida na medida em que a possibilidade de algo ser não depende necessariamente da matéria. O anjo é uma entidade que não é um conjunto de matéria e forma, e, para Tomás, mesmo assim pode vir a ser. Assim, a possibilidade de sua existência não depende da matéria, e tal se atribui à outra potência, que é a potência ativa (Deus).

Então, embora algumas substâncias precisem da matéria para a mudança, o anjo não precisa, assim resta a Tomás reduzir o caso do mundo eterno ao mesmo tipo de caso do anjo. A potencialidade que depende da matéria não existe no anjo, porém isso não impede que ele venha a ser. Assim, a remoção da potencialidade anterior que advém da matéria, se este é o caso do mundo eterno, não impede que o mundo venha a ser também.

² Em latim: *Primo modo posset dici antequam angelus sit factus “Non potest angelus fieri”, quia non preexistit ad aius esse aliqua potentia passiva, cum non sit factus ex materia preiacente, tamen Deus poterat facere angelum, poterat atiam facere ut angelus fieret, quia fecit et factus est. Sic ergo intelligendo, simpliciter concedendum est secundum fidem quod non potest causatum semper esse, quia hoc ponere esset ponere potentiam passium semper fuisse, quod hereticum est. Tamen ex hoc non sequitur quod Deus non possit facere ut fiat aliquid semper ens.*

2.6 Contradição

A passagem mais importante que diz respeito a esse tema em específico é exposta a seguir:

Quanto à segunda maneira, diz-se que algo não pode ser feito devido à repugnância lógica, da mesma maneira que não pode fazer-se que afirmação e negação sejam simultaneamente verdadeiras, ainda que Deus o possa fazer, como alguns dizem. Alguns, porém, dizem que nem Deus poderia fazer tal coisa, pois isso é igual a nada: é, no entanto, manifesto que não pode fazer com que isto seja feito, pois que a afirmação pela qual se sustenta que isso acontece destrói-se a si mesma. Se, porém, sustentar-se que Deus pode desta maneira fazer que tais coisas se deem, tal posicionamento não é herético, embora, segundo julgo, seja falso; assim como inclui em si contradição que o passado não tenha sido. (AQUINO, 1996, pg. 13)[1]³

Nesta parte, é analisada a compatibilidade das duas predicacões, a saber: ser criado e não ter início de duração. O foco é explicar como está sendo entendido o conceito de criação, por sua vez se decidirá se tal maneira de entendê-lo implica em uma incompatibilidade com não ter um início. Nesse ponto, a resposta é feita em duas partes. Tomás argumenta que se há impossibilidade do mundo eterno, tal se dará por vias: (1) da necessidade da anterioridade da causa eficiente; ou (2) da necessidade da anterioridade do não ser.

2.6.1 Causa Atuante

O argumento mais importante que diz respeito a esse assunto em específico é como segue:

Primeiramente, mostrarei que não é necessário que a causa atuante, isto é, Deus, preceda em duração o seu efeito, se ele assim o tivesse querido. Assim, em primeiro lugar, nenhuma causa que produza o seu efeito subitamente precede necessariamente o seu efeito em duração; ora Deus é uma causa que produz o seu efeito, não através de movimento, mas instantaneamente, portanto não é necessário que preceda seu efeito em duração. A primeira é evidente por indução em todas as mutações súbitas, tais como iluminação e outras. (AQUINO, 1996, pg. 15)[1]⁴

³ Em latim: Secundo modo dicitur propter repugnantiam intellectuum aliquid non posse fieri, sicut quod non potest fieri ut affirmatio et negativo sint simul uera, quamuis Deus hoc possit facere, ut quidam dicunt, quidam uero dicunt quod nec Deus hoc posset facere, quia hoc nichil est: tamen manifestum est quod non potest facere ut hoc fiat, quia positivo qua ponitur esse destruit se ipsam. Si tamen ponatur quod Deus huiusmodi potest facere ut fiant, positio non est herética, quamuis ut credo sit falsa, sicut quod preterium non fuerit includit in se contradictionem.

⁴ Em latim: Primo ostendam quod non est necesse ut causa agens, scilicet Deus, precedat duratione suum causatum si ipse uoluisset. Primo sic: nulla causa producens suum effectum subito necessario precedit duratione suum effectum; sed Deus est causa producens effectum suum non per motum, sed súbito: ergo non est necessarium quod duratione precedat effectum suum.

A relação de causa e efeito é compreendida em dois momentos: um T1 onde as condições de ocorrência são cumpridas e um T2, posterior à T1, onde se segue o efeito. Aplicando o modelo ao problema, a causa atuante é Deus e o efeito é o mundo. Por sua vez, a dificuldade é entender como se pode manter essa relação, supondo que o início do mundo não teve lugar no tempo. A objeção leva a concluir que o mundo não pode ser eterno, caso se pretenda manter a relação causal entre Deus e o mundo. Afinal, a premissa é que tal relação seja na sua natureza uma relação temporal.

A resposta procede por via do conceito de simultaneidade: toda causa que é do tipo simultâneo não precede o seu respectivo efeito temporalmente. Assim, fica claro que Tomás pretende manter a noção de causa-efeito mesmo sem a principal determinação dessa relação, que é a distinção temporal, a saber, que a causa sempre precede o efeito no tempo. Para o que é simultâneo, causa e efeito acontecem no mesmo espaço temporal sem que, por isso, perca-se a relação causal.

Assim, a relação causal se mantém por outros motivos, que não o temporal, que seria a abordagem mais intuitiva. Para Tomás, a relação causa e efeito que precisa manter a determinação temporal é a que gera seus efeitos a partir do movimento, nelas a causa deve preceder o efeito obrigatoriamente. Assim, se a criação não gera seus efeitos a partir do movimento, causa e efeito podem acontecer no mesmo instante. Portanto, a distinção entre os tipos de causa faz com que não seja o caso que a anterioridade da causa atuante gere uma impossibilidade para a possibilidade do mundo eterno.

A interpretação combatida é aquela que interpreta a criação como um evento necessariamente temporal. Assim, Tomás assevera que criar não é criar no tempo. Caso o fosse, o tempo seria coeterno a Deus, possuindo uma natureza absoluta. Ademais, Tomás retira a noção de tempo de Aristóteles, que entende o tempo como necessariamente vinculado à mudança: “o tempo é a medida do movimento”. No aristotelismo, o tempo não é absoluto, nem dissociável do mundo; antes, existe apenas na medida em que há movimento. Desse modo, a noção de tempo parece se encaixar perfeitamente no sistema tomista, considerando-o também uma criatura.

O que determina a simultaneidade em questão é a potência infinita de Deus. Tomás afirma que, para que o efeito não se siga no mesmo instante que a causa, só pode ser interpretado como uma falta de integridade por parte da causa. A não simultaneidade é falta do cumprimento das condições para a simultaneidade, que só se dá por vias da alguma deficiência na causa.

Outro possível ponto que é objetado, analisado no mesmo tópico, é a questão de Deus ser um agente por vontade. Pois, diz respeito a algo aceito por Tomás e que poderia fazer com que a criação fosse interpretada como um evento temporal. Portanto, se Deus é um agente por vontade e causa primeira de tudo, tudo é segundo sua vontade. Assim, a objeção interpreta que, para que algo seja feito segundo a vontade do agente, tal vontade

teria de estar em um momento anterior ao ato feito segundo esta. Porém, para Tomás, esta objeção só seria válida nos casos onde o agente por vontade opera por meio de deliberação, nesse caso, o evento só pode ser entendido por uma lógica temporal. Porém, é condição da onipotência, e tal é dito em vários lugares, que Deus exerce todo entendimento a todo o momento, logo não é necessário que a vontade se expresse em um momento anterior ao ato segundo a vontade. O único caso que Tomás aceita que a vontade deva ser anterior obrigatoriamente ao ato é o caso daqueles que a vontade é consequência de deliberação. A deliberação é uma condição daqueles que pensam segundo um raciocínio concatenado temporalmente. Mas, não é o caso que isso se aplique ao caso de Deus.

2.6.2 Não-Ser

O trecho mais importante que trata sobre esse assunto em específico é mostrado a seguir:

Suponha-se que a ordem referente ao nada contido na proposição permanece afirmada de maneira que o sentido seja: a criatura é feita após o nada, isto é, foi feita depois do nada: esta expressão “depois de” encerra ordem considera em si. Mas a ordem é múltipla: ou seja, de duração e de natureza. Se pois do comum e universal, não se segue o próprio e particular, não seria necessário que, por se dizer que a criatura existe após o nada, primeira se tenha dado o nada e depois tenha existido alguma coisa: é suficiente se o nada for anterior em natureza relativamente ao ser. Com efeito, aquilo que é próprio de cada coisa em si mesma é-lhe por natureza mais propriamente intrínseco do que aquilo que tem apenas de outro. Ora a criatura não tem ser senão por outro. Estabelece-se que a natureza dela seria tal que se tornaria nada se fosse abandonada a si mesma. (AQUINO, 1996, pg. 21)[1]⁵

Um dos pressupostos teológicos é que as criaturas foram “feitas do nada”. A dificuldade é interpretar essa afirmação à luz da tese de que não houve momento do tempo decorrido onde o mundo não existia. O ponto seria mostrar que tal pressuposto se compatibiliza melhor com a tese de que o mundo teve um começo temporal.

Tomando o “feito do nada” levar-se-ia a pensar que em algum momento não houve o que quer que seja que agora está em questão. De modo que em um instante não há, em outro agora há. Porém, afirmar um mundo eterno é afirmar que sempre houve mundo, não

⁵ Em latim: *Praterea, supponatur quod ordo ad nichil in prepositione importatus remaneat affirmatus, ut sit sensus: criatura facta est ex nichilo, id est facta est post nichil, dicto ‘post’ ordinem absolute. Sed ordo multiplex est, scilicet durationes et nature; si igitur ex communi et uniuersali non sequitur proprium et particulare, non esset necessarium ut, propter hoc quod criatura dicitur esse post nichil, prius duratione fuerit nichil et postea fuerit aliquid, sed sufficit si prius natura sit nichil quam ens. Prius enim naturaliter inest unicuique quod conuenit sibi in se, quam quod solum ex alio habetur; esse autem non habet creatura nisi ab alio, sibi autem relictum in se considerata nichil est: unde prius naturaliter est sibi nichilum quam esse.*

havendo momento onde não houve mundo. A partir daí gera a dificuldade de compatibilizar essa afirmação para o caso do mundo eterno.

A resposta de Tomás procede especificando como deve ser interpretada a noção. “Feito a partir do nada” deve ser entendido somente como indicando que aquilo que está agora existindo foi criado sem fazer-se uso de nada que tinha existência anteriormente à coisa, isto é, não houve nada pelo qual se deu origem à existência da coisa. Porém, isso não diz respeito à anterioridade temporal do nada com relação à coisa, que é o ponto que gera incompatibilidade entre as teses. Tomás afirma que não há, nessa expressão, nenhum intuito de afirmar uma ordem da coisa com relação ao nada. Ademais, Tomás questiona como se pode afirmar que o nada em algum momento existe para que se possa comparar a coisa com ele. Afinal, o mundo é uma noção totalizante, de modo que não há nada com existência no tempo para que se possa haver tal comparação do tipo temporal com o mundo.

Mesmo que se considere que a expressão “feito do nada” possa ter sentido de “feito depois do nada”, Tomás afirma que é suficiente considerar esta ordem apenas à luz do conceito de natureza. Para tal, usa-se o seguinte princípio: aquilo que é próprio da cada coisa é-lhe por natureza mais intrínseco do que aquilo que tem apenas por outro. Ademais, a existência, no sistema tomista, é uma propriedade da essência de Deus, e somente dele. Não é um predicado conferido a alguns sujeitos por meio de uma investigação empírica. Assim, a existência é considerada uma propriedade conferida às criaturas, fundamentada na sua relação com Deus. Então, embora a criatura tenha existido sempre, o nada lhe é mais próprio que o ser, de modo que o ser lhe é concedido por algo que de fato o possui, assim, a ordem por natureza defini apenas que existe uma prioridade daquilo que possui “mais propriamente”, segundo aquele princípio, mesmo que ambos tenham existido sempre.

3 Suma Teológica

Agora, a respeito da Suma, é interessante proceder de outro modo. Na medida em que já se apresentou os tópicos do argumento de Tomás a respeito da possibilidade do mundo eterno no DA, podem-se procurar argumentos semelhantes na ST, de modo a compará-los.

Porém, antes, é interessante analisar o conteúdo das respostas principais aos dois primeiros artigos. Afinal, essa é a resposta dada por Tomás para a questão do começo do mundo.

3.1 Debate Sobre a Eternidade do Mundo na ST

A questão 46 da ST tem três artigos, porém apenas os dois primeiros são mais interessantes de serem analisados para o assunto tratado aqui. Na ST, o principal é o debate sobre se o mundo teve um início, não há tematização do problema sobre a possibilidade do mundo eterno. Inclusive, em nenhuma parte, o PEM é colocado como uma questão que já foi respondida alhures.

O primeiro artigo tem o título: o universo criado existiu sempre? O segundo: que o mundo tenha começado é artigo de fé? Tomás responde primeiro que o mundo não é eterno, depois que não há um argumento demonstrativo para a tese que o mundo teve um começo. Basicamente, o primeiro estabelece qual tese é aceita; o segundo estabelece o meio pela qual ela pode ser aceita. Poderia ser o caso de ser aceita tanto pela fé, quanto pela razão. Mas, aqui, Tomás deixa claro que, a respeito dessa questão em particular, a tese só pode ser aceita pela fé.

Como a tese é que não pode haver demonstração, os artigos 1 e 2 da questão 46 são complementares na medida em que no primeiro as objeções são argumentos a favor da eternidade; e no segundo são argumentos a favor da tese do mundo com começo. Como Tomás sustenta que todos esses argumentos são insuficientes para essa questão, os argumentos de ambos os lados são respondidos.

3.2 Artigo 1 – Não há necessidade para o mundo ser eterno

A passagem mais importante que diz respeito a esse tema em específico é exposta a seguir:

Respondo. Nada, além de Deus, existiu eternamente. E não é impossível afirmá-lo. Mostrou-se anteriormente que a vontade de Deus é a causa das

coisas. Assim, portanto, é necessário que algo exista na medida em que é necessário que Deus o queira, porque a necessidade do efeito depende da necessidade da causa, como se diz no livro V da Metafísica. Ora, já foi mostrado que, falando absolutamente, não é necessário que Deus queira algo a não ser a si. Não é necessário, portanto, que Deus queira que o mundo tenha existido sempre. Ora, o mundo não existe senão na medida em que Deus o quer, porque o ser do mundo depende da vontade de Deus como da sua causa. Não é necessário, pois, que o mundo exista sempre. Daí que nem se pode provar de maneira demonstrativa. (AQUINO, 2005, pg. 66)[2]¹

A resposta do primeiro artigo é negativa: o mundo não existiu sempre. Tomás afirma que não é impossível assumir tal tese, pois há algo que possa leva-lo a essa conclusão. Entretanto, não é um argumento demonstrativo que tenha como conclusão a tese do mundo com começo.

É interessante notar que resposta direta à pergunta do artigo, denominada comumente como o “respondo”, não justifica propriamente sua resposta. Talvez, por isso, o segundo artigo venha ainda mais a calhar como complemento ao primeiro. Tomás evoca o conceito de necessidade, de tal modo que se houvesse necessidade metafísica para o mundo ser eterno, por meio dela que se daria a demonstração. Mas, dado que o mundo é uma criatura, o seu ser está atrelado à vontade de Deus. Logo, carece da necessidade em questão. Mas, a pergunta não é se a tese o mundo eterno pode ser demonstrada, mas sim se ele foi ou não, portanto de uma natureza factual. Logo, mesmo não havendo necessidade, ainda assim poderia ter sido. Só é o caso, portanto, que não é possível demonstrar a tese, pois não há necessidade para o mundo ser tal e, por isso, não há como se determinar a priori se ele é eterno ou não, mas obrigatoriamente é um ou outro. Então, a justificação dada cabe mais para explicar a ineficiência dos argumentos do que para justificar o não dado à pergunta que rege o artigo. Tudo que diz respeito à vontade de Deus criar as criaturas não desfruta de uma necessidade de tal tipo. É porque o mundo é uma criatura, e segundo a vontade de Deus, que ele não é necessariamente eterno ou com início.

É o caso que o mundo eterno não tem a necessidade que levaria a uma demonstração. Contudo, não seria o caso também que a mesma coisa ocorresse para o mundo com início, isto é, essa explicação não caberia também para o mundo com começo? Dado que o mundo não tem uma necessidade metafísica de tal tipo, não se pode derivar nenhuma característica específica dele, inclusive a de que ele teve um início. Portanto, não se pode

¹ Em latim: Respondeo dicendum nihil praeter Deum ab aeterno fuisse. Et hoc quidem ponere non est impossibile. Ostensum est enim supra quod voluntas Dei est causa rerum. Sic ergo aliqua necesse est esse, sicut necesse est Deum velle illa: cum necessitas effectus ex necessitate causae dependeat, ut dicitur in V metaphys. Ostensum est autem supra quod, absolute loquendo, non est necesse Deum velle quod mundus fuerit semper. Sed eatenus mundus est, quatenus Deus vult illum esse: cum esse mundi ex voluntate Dei dependeat sicut ex sua causa. Non est igitur necessarium mundum semper esse. Unde nec demonstrative probari potest.

ter nenhum argumento demonstrativo para nenhum dos lados, o que é justamente o que Tomás responderá no próximo artigo.

3.3 Artigo 2 - Resposta pela Fé

O argumento mais importante que diz respeito a esse assunto em específico é como segue:

Respondo. Só pela fé se sustenta que o mundo não existiu sempre, e nem é possível demonstrar, como já se disse a respeito do mistério da Trindade. A razão é que a novidade do mundo não se pode demonstrar por intermédio do mesmo mundo, porque o princípio da demonstração é aquilo que é. Ora, segundo a razão da sua espécie, cada coisa abstrai do espaço e do tempo. Por este motivo se diz que os universais estão em todos os lugares e tempos. Daí que não se pode demonstrar que o homem, o céu ou a pedra não existiram sempre. – Também não se pode demonstrar a partir da causa agente que age pela vontade. De fato, a razão não pode conhecer a vontade de Deus senão o que é absolutamente necessário que Deus queira. Mas tais coisas não são o que ele quer a respeito das criaturas, como já foi dito. A vontade divina, entretanto, pode se manifestar ao homem pela revelação, na qual se funda a fé. Portanto, que o mundo tenha começado é objeto de fé e não de demonstração ou de ciência. – Esta consideração é útil pra evitar que, pretendendo alguém demonstrar um artigo de fé, aduza argumentos não rigorosos, que deem aos que não creem matéria de escárnio, fazendo-os supor que cremos o que é de fé por tais argumentos.(AQUINO, 2005, pg. 71)[2]²

O segundo artigo investiga se a razão para se crer no mundo com começo é derivada da fé. O que essa pergunta indica é que não foi dito por que meios se estabelece a tese. Como visto antes, Tomás conta com dois domínios que podem lidar com as questões disputadas que surgem, tanto pela análise de argumentos da teologia natural, quanto pela interpretação da Bíblia da teologia revelada. Poderia ser o caso que houvesse um argumento suficiente a favor da tese com início, assim como um artigo de fé para essa questão.

² Em latim: Respondeo dicendum quod mundum non semper fuisse, sola fide tenetur, et demonstrative probari non potest: sicut et supra de mysterio Trinitatis dictum est. Et huius ratio est, quia novitas mundi non potest demonstrationem recipere ex parte ipsius mundi. Demonstrationis enim principium est quod quid est. Unumquodque autem, secundum rationem suae speciei, abstrahit ab hic et nunc: propter quod dicitur quod universalia sunt ubique et semper. Unde demonstrari non potest quod homo, aut caelum, aut lapis non semper fuit. – Similiter etiam neque ex parte causae agentis, quae agit per voluntatem. Voluntas enim Dei ratione investigari non potest, nisi circa e quae absolute necesse est Deum velle: tália autem non sunt quae circa criaturas vult, ut dictum est. Potest autem voluntas divina homini manifestari per revelationem, cui fides innitur. Unde mundum incoepisse est credibile, non autem demonstrabile vel scibile. – Et hoc utile est ut consideretur, ne forte aliquis, quod fidei est demonstrare praesumens, rationes non necessárias inducat, quae praebcant materiam irredendi infidelibus, existimantibus nos propter huiusmodi rationes credere quae fidei sunt.

Sabe-se desde o primeiro que a tese aceita por Tomás é que o mundo teve um começo. Contudo, adiantou-se antes que a resposta dada ao primeiro artigo deve valer também para o caso da tese do mundo com começou, a saber, que não há demonstração pelo motivo citado no artigo anterior. Assim, a resposta só pode ser positiva quanto ao estabelecimento pela fé.

Assim, fica claro agora porque o segundo complementa o primeiro artigo. Tomás apresentou, na primeira, uma resposta que visava mais o porquê das demonstrações para essa questão serem insuficientes, ignorando que a sua justificativa para o artigo um não embasa a sua resposta, afinal a resposta ao artigo dois o faria depois.

É interessante entender, agora, como os elementos principais do DA aparecem na ST.

3.4 Causa Eficiente e Eternidade

O trecho mais importante que trata sobre esse assunto em específico é mostrado a seguir:

Quanto ao 1º, portanto, deve-se dizer que, como diz Agostinho, encontram-se nos filósofos que afirmam a eternidade duas opiniões. Uns afirmam que a substância do mundo não provém de Deus. É um erro insustentável que se refuta pelo argumento da necessidade. Outros afirmavam a eternidade, mas de um mundo feito por Deus. “De fato, eles não querem aceitar um mundo temporal, mas o início de sua criação, como se ele tivesse sido feito desde sempre de uma maneira apenas inteligível.” – Eis como entendem isso, diz ainda Agostinho: “Se o pé de alguém, por exemplo, tivesse estado desde toda a eternidade no pó, teria deixado tal pegada que ninguém duvidaria que ele teria sido a causa. Do mesmo modo o mundo existiu sempre porque que o fez existe sempre”.(AQUINO, 2005, pg. 72)[2]³

O primeiro movimento do texto DA era dissolver a interpretação segundo a qual a eternidade era vista como a falta de uma causa eficiente. Na resposta à objeção 1 do artigo 2 da ST, Tomás apresenta duas opiniões a respeito daqueles que sustentam a tese do mundo eterno: os que afirmam que o mundo não provém de Deus e os que afirmam que ele é feito por Deus. Aqui, também, ele procura deixar claro as duas questões que são pertinentes.

³ Em latim: Ad primum ergo dicendum quod, sicut dicit Augustinus, philosophorum ponentium aeternitatem mundi, duplex fuit opinio. Quidam enim posuerunt quod substantia mundi non sit a Deo. Et horum est intollerabilis error; et ideo ex necessitate refellitur. Quidam autem sic posuerunt mundum aeternum, quod tamen mundum a Deo factum dixerunt. Non enim mundum temporis volunt habere, sed suae creationis initium, ut quodam modo vix intelligibili semper sit factus. – Id autem quomodo intelligant, invenerunt, ut idem dicit in X de Civ. Dei. Sicut enim, inquit, si pese x aeternitate semper fuisset in pulvere, semper subesset vestigium, quod a calcante factum nemo dubitaret; sic et mundus semper fuit, semper existente qui fecit.

A questão a respeito de se Deus é a causa primeira do mundo não está em aberto. O segundo ponto é precisamente o debate do PEM, isto é, se o mundo eterno pode ser feito por Deus. Portanto, daquelas duas opiniões, uma é manifestamente rejeitada como falsa, porque se apoia em uma relação que Tomás julga como falsa; e a outra está em aberto. Não é o caso que Tomás analise o PEM no artigo dois, nem em nenhum lugar da questão 46.

Ademais, não parece estar sendo indicado que quem sustentava a tese do mundo eterno aliada à tese de que o mundo não provém de Deus entendesse uma como a consequência causal da outra. Porém, parece ser o caso que os que defendem o mundo com início no tempo o vejam como uma consequência da tese de que Deus é a sua causa eficiente. Desse modo, já que o mundo é criado por Deus, então ele deve ter um início no tempo, e não é eterno. Afinal, essa é a lógica do argumento presente nessa objeção.

Tomás apresenta a analogia da pegada nessa resposta à objeção, que pretende aludir à existência de uma relação causal mantida em um exemplo de situação onde há um caso de eternidade. A analogia apresenta a situação de um pé sobre a areia desde toda eternidade. Pela análise feita na passagem, haveria uma relação causal do pé com a areia, de modo que não se negaria que o pé causa a pegada, mesmo não havendo sucessão dos momentos. Porém, a apresentação dessa analogia serve apenas para indicar que assumir uma relação causal entre Deus e o mundo não é se comprometer com a tese do começo do mundo, pois que essa implicação só é verdadeira nos casos onde a causa eficiente age por movimento. Assim, como feito no DA, Tomás recorre ao conceito de simultaneidade.

A continuação dessa resposta se relaciona melhor com outra parte da argumentação do DA, a saber, a necessidade da causa atuante anterior. Mas o s.c.1 da questão 1 termina concluindo que apenas para as causas atuantes que agem por movimento que ter um causa eficiente indica uma relação temporal entre causa e efeito. Como este não é o caso aqui, interpretar causa eficiente como início e ausência dela como eternidade não é matéria de necessidade.

3.5 Remoção da Potência Passiva

A primeira objeção do artigo 1 apresenta esse tópico.

Quanto ao 1º, portanto, deve-se dizer que antes de o mundo ser, era possível que o mundo fosse, não por potência passiva, que é a matéria, mas por potência ativa, que é Deus. Ou ainda na medida em que algo se diz absolutamente possível, não por uma potência, mas pela simples relação de termos que não são contraditórios. É nesse sentido que possível se opõe a impossível, como mostra o Filósofo, no livro V da *Metafísica*. (AQUINO,

2005, pg. 67)[2]⁴

Esse é um argumento a favor da tese do mundo eterno. O argumento propõe uma interpretação para a tese que a possibilidade de algo é sempre anterior a sua existência. Desse modo, dado que possibilidade no sentido aristotélico é entendida em termos do conceito de matéria, a conclusão do argumento é que a matéria do mundo é anterior ao mundo, entretanto isso é um contrassenso. O argumento conclui, então, que o mundo não teve um começo no tempo, pois a matéria não pôde existir sozinha antes do mundo.

A resposta de Tomás é negar que a possibilidade anterior ao mundo seja dada em termos da potência passiva, que é a matéria. Assim, aceitar a expressão acima não implica endossar a tese do mundo eterno. A possibilidade do mundo ainda pode ser dada em termos da potência ativa, que é Deus. Tal movimento de resposta é idêntico ao do DA.

Tomás se limita a responder à objeção na Suma, muito embora apresente as mesmas categorias utilizadas nessa resposta no argumento que demonstra a possibilidade do mundo eterno. Tomás afirma no DA que o mundo pôde ser eterno, muito embora considere que não tenha sido; na ST, a conclusão é mais fraca, a explicação do sentido de possibilidade não implica nada a respeito do mundo eterno. Menos ainda que ele de fato não tenha tido começo, que era o que argumento combatido pretendia demonstrar. Ele responde diretamente que Deus é o responsável pela possibilidade do mundo, porém não deixa especificado sobre qual mundo ele está falando aqui. Porém, é o caso que ele afirme a mesma coisa no DA, só que especificamente para o mundo eterno.

Ademais, é interessante ressaltar que a remoção da potência passiva é usada aqui como um problema para o mundo com início, porém no DA ela é um tópico a ser analisado como possível problema para o mundo eterno. Portanto, ela é apontada como problemática para os dois lados. De qualquer maneira, Tomás conclui o mesmo em ambos os textos, pois afirma que o que responde pela possibilidade em termos absolutos do mundo é a potência ativa, aparentemente nos dois casos.

3.6 Causa Atuante Anterior

A passagem mais importante que diz respeito a esse tema em específico é exposta a seguir:

Para entender isso, é preciso considerar que a causa eficiente que age por movimento precede necessariamente seu efeito no tempo, porque o

⁴ Em latim: *Ad primum ergo dicendum quod, antequam mundus esset, possibile fuit mundum esse, non quidem secundum potentiam passivam, quae est matéria; sed secundum potentiam activam Dei. Et etiam secundum quod dicitur aliquid absolute possibile, non secundum aliquam potentiam, sed ex sola habitudine terminorum, qui sibi non repugnant; secundum quod possibile opponitur impossibili, ut patet per Philosophum, in V Metaphys.*

efeito não existe senão no termo da ação. Mas se a ação é instantânea e não sucessiva, não é necessário que o agente seja anterior ao seu efeito na duração, como é evidente na iluminação. Daí dizem que, se Deus é a causa ativa do mundo, não se deduz necessariamente que seja anterior ao mundo quanto à duração, pois a criação, pela qual produz o mundo, não é uma mutação sucessiva, como acima se disse. (AQUINO, 2005, pg. 72)[2]⁵

Primeiramente, é interessante ressaltar que Tomás utiliza pelo menos três conceitos que parecem não ter significados diferentes quando no contexto em questão, são eles: causa atuante, causa ativa e causa eficiente. Está-se a tratar os três aqui como significando a mesma coisa. Embora, essa diferença não se dê por motivos de diferença nas traduções, de fato, Tomás utiliza esses três modos.

Na ST, o mesmo argumento a respeito desse tópico está na continuação da resposta à objeção 1 do artigo 2, a mesma que foi apresentada na questão da relação entre eternidade e causa eficiente. Como foi dito, é possível que a eternidade tenha sido interpretada como a ausência de uma causa eficiente, assim como seu par oposto que é início de duração e causa eficiente. Tomás rejeita que essa relação seja necessária.

A distinção utilizada por Tomás é entre ação instantânea e ação sucessiva. A ação sucessiva acontece quando a causa age por movimento, portanto nesse caso deve haver distinção temporal entre a causa e o efeito. De modo contrário, tem-se o caso da ação instantânea. Essa distinção parece se basear em casos exemplares que são tidos como opostos a esse respeito. O mesmo exemplo também é apresentado nos dois textos, a saber, o evento da iluminação, que parece ser o cânone da causalidade instantânea.

Além da iluminação, outro caso mais banal de ação instantânea para Tomás é o fogo. Neste caso, temos que o fogo é a causa do aquecimento, mas a existência do fogo é concomitante ao aparecimento do aquecimento, portanto não há sucessão entre os componentes desse par. Porém, este caso só é apresentado no DA, aqui ele se detém apenas ao caso da iluminação.

O foco aqui é negar que a tese da necessidade da causa eficiente implique que o mundo precise ter um começo no tempo porque a causa eficiente precisa ser anterior. Como no argumento presente no DA, a premissa que a relação causal só pode ser mantida por um nexu temporal é rejeitada.

⁵ Em latim: *Et ad hoc intelligendum, considerandum est quod causa efficiens quae agit per motum, de necessitate praecedit tempore suum effectum: quia effectus non est nisi in termino actionis, agens autem omne oportet esse principium actionis. Sed si actio sit instantanea, et non successiva, non est necessarium faciens esse prius facto duratione; sicut patet in illuminatione. Unde dicunt quod non sequitur ex necessitate, si Deus est causa activa mundi, quod sit prior mundo duratione: quia creatio, qua mundum produxit, non est mutatio successiva, ut supra dictum est.*

3.7 Não-Ser Anterior

O argumento mais importante que diz respeito a esse assunto em específico é como segue:

Quanto ao 2º, deve-se dizer que aqueles que afirmassem um mundo eterno diriam que o mundo foi feito por Deus do nada, não que tenha sido feito após o nada, conforme nosso modo de entender a criação, mas porque não foi feito de alguma coisa. Desse modo, alguns entre eles não rejeitam a palavra criação, como fica claro em Avicena, em sua *Metafísica*. (AQUINO, 2005, pg. 72)[2]⁶

A objeção 2 do artigo 2 apresenta um argumento em favor do mundo com começo. A premissa é uma disjunção: ou o mundo foi feito do nada, ou de algo. Porém, se foi feito de algo, então, como o mundo é uma noção totalizante, não pode ter a forma de nada, pois que isso já contaria como mundo. A objeção, portanto, leva a interpretar tal disjuncto como afirmando a presença da matéria sem forma. Assim, por meio de uma redução ao absurdo, conclui o outro disjuncto, porém não sem interpretar que “do nada” é uma noção temporal.

Do mesmo modo que no DA, a dificuldade principal desse ponto é interpretar a proposição que as criaturas foram feitas do nada. Se ela só pode ser entendida como indicando uma relação temporal entre o nada e o mundo, só a tese do mundo com início é compatível com essa proposição. O mundo eterno seria contraditório com essa maneira de entender a proposição em questão.

A própria ideia de que o nada tenha algum tipo de existência é problemática. Tomás não aceita nem mesmo que exista algo como o espaço sem os corpos, o que poderia ser uma interpretação para o conceito de nada. Tomás retoma que não é no sentido temporal que se afirma tal proposição. Ademais, concorda que não houve matéria da qual foi feito o mundo, afinal sua tese é que o que responde pela possibilidade do mundo é a potencia ativa e não a passiva. Portanto, não há matéria sem forma, pois nem mesmo há matéria anterior ao mundo. Tomás afirma que os defensores da tese do mundo eterno poderiam aceitar essa tese interpretando-a como significando que o mundo não foi feito de uma matéria prévia existente. Portanto, a expressão para estes também não é lida no sentido temporal.

⁶ Em latim: Ad secundum dicendum quod illi qui ponerent mundum aeternum, dicerent mundum factum a Deo ex nihilo, non quod factus sit post nihilum, secundum quod nos intelligimus per nomen creationis; sed quia non est factus de aliquo. Et sic etiam non recusant aliqui eorum crationis nomen, ut patete ex Avicenna in sua *Metaphysica*.

4 Suma Contra os Gentios

Na SG, Tomás apresenta sete capítulos sobre o tema tratado, do capítulo trinta e um ao trinta e oito (total de oito capítulos). Porém, é mais interessante explica-los dividindo-os em partes.

A primeira delas tem o título “não é necessário que as criaturas tenham existido sempre”, diferentemente do procedimento da ST, o título anuncia a tese que será defendida. Não é uma pergunta como na ST, também não há uma parte complementar que alude a uma resposta contrária a que será defendida. O argumento pelo qual Tomás defende que não há necessidade para o mundo ter uma característica específica é muito mais detalhado que a resposta dada no primeiro artigo da questão 46.

O principal argumento que se encontra nessa parte é exaustivo, como é característico do seu procedimento de análise. O argumento é tal como segue. Primeiramente, Tomás apresenta a primeira disjunção, que diz respeito à origem da necessidade de algo: ou a necessidade vem de si, ou vem de outra coisa. Como no caso das criaturas a necessidade não pode vir de si, pois, segundo outro argumento de Tomás, todo ente provém do primeiro ente. Se o primeiro ente responde pela existência dos demais, também responderá pela necessidade da sua existência ser de tal jeito. Então, segue-se o argumento pelo segundo disjuncto: a necessidade deve vir de outra coisa. Tomás conclui que, se a necessidade vem de outro, tal é dado por meio de uma causa extrínseca, que só pode ter duas naturezas: ser uma causa eficiente, ou final. Aqui, temos mais dois caminhos. O primeiro deles: se for pela causa eficiente, o efeito tem a característica, pois é necessário que a causa faça com que seja assim. Portanto, da natureza da causa que se segue a necessidade do efeito. O mundo teria tal característica se o agente fosse compelido a agir sob tal necessidade. Porém, este não é o caso. Tomás retoma a ação livre de Deus em fazer o mundo. O segundo deles: se for pela causa final, a necessidade advém da relação entre a característica e o cumprimento do fim. Assim, a eternidade tem de ser essencial para o cumprimento do fim estabelecido para as criaturas para ter a necessidade em questão.

A segunda parte tem três capítulos, sendo cada um deles blocos específicos de argumentos a favor da eternidade. Por conseguinte, a terceira parte tem três capítulos que são respectivamente a resposta de Tomás aos argumentos apresentados nos três capítulos anteriores. Ademais, os capítulos da segunda parte começam com o seguinte enunciado: “argumentos dos que pretendem provar a eternidade do mundo”. Diferentemente da primeira parte, aqui, não está enunciada nenhuma tese.

A separação dos capítulos divide os argumentos da eternidade do mundo em três tipos: considerados da parte de Deus; considerados da parte das criaturas; e aqueles

tomados da parte de sua produção.

O título “considerado da parte de Deus” diz respeito aos argumentos que utilizam premissas que aludem às características do agente em questão. O evento que está em questão é a criação do mundo, então, temos que o mundo é o efeito e Deus a causa, logo tem Deus como seu agente. Assim, a estrutura geral dos argumentos dessa parte é: dado que Deus tem tal característica, a causa tem tal característica, logo o seu efeito tem tal característica, portanto o mundo tem tal característica (nessa caso, a eternidade).

O título “considerado da parte das criaturas” diz respeito aos argumentos que utilizam como premissa alguma proposição que diz respeito a alguma característica de uma criatura. São consideradas criaturas nesses argumentos: o tempo, as substâncias intelectuais, os corpos celestes, entre outras. Porém, também é o caso que se fale de um modo geral sobre as criaturas, como no argumento sobre as espécies tomadas como um todo, ou considerações gerais sobre o movimento.

Por último, o título “tomados da parte de sua produção” diz respeito aos argumentos que utilizam alguma premissa que advém de uma análise da situação da criação do mundo. Entre elas pode-se citar: do nada, nada é feito; tudo o que começa a ser, antes de tudo era possível ser; tudo o que é feito tem um sujeito preexistente.

De modo geral, as últimas duas divisões compreendem argumentos bem distintos, de modo que é necessário um certo esforço para se entender como exatamente se encaixam na categoria que se encontram, muito embora cada parte tenha um subtítulo. Nesse aspecto, a ST faz melhor em não separar os argumentos em categorias menores do que o critério da sua finalidade, que no caso é serem argumentos em prol da tese da eternidade do mundo. Com respeito à diferença entre os argumentos a favor da eternidade nos diferentes textos, pode-se dizer que há mais argumentos na SCG do que na ST. A SCG conta com dezoito argumentos, enquanto na ST temos apenas dez.

A quarta e última parte é uma análise a respeito dos argumentos a favor do mundo com começo. O título é “argumentos com os quais alguns se esforçam por demonstrar que o mundo não é eterno”, o que parece indicar certa ironia, dado que este esforço não é recompensado pois a tese não pode ser demonstrada.

Do mesmo modo que na ST, os argumentos dessa natureza são colocados no mesmo patamar dos argumentos da eternidade, estando ali para serem refutados, mesmo que defendam a tese aceita por Tomás. Assim, tanto quem defende que o mundo é eterno, quanto os que defendem o contrário, apresentando argumentos para ambos os lados, podem ser considerados objetores. Porém, é importante afirmar que ser objetor é entendido no sentido de defender a demonstração de um assunto que, para Tomás, não compete à razão.

Como já feito antes na análise da ST, analisou-se quatro tópicos principais que formam um norte dado pela argumentação do DA, são eles: eternidade e causa eficiente,

potência passiva, causa atuante anterior, não-ser anterior. O tópico do não-ser anterior está no grupo dos argumentos tomados da parte da sua produção. O tópico da potência passiva está no grupo dos argumentos tomados da parte da sua produção. O tópico da causa atuante e da causa eficiente está no grupo dos argumentos a favor do mundo com início, segundo argumento.

4.1 Causa Eficiente e Eternidade

Primeiramente, é interessante ressaltar que esse tema está intimamente ligado com o tópico da causa atuante anterior. O primeiro movimento do DA era deixar claro que a interpretação segundo a qual a eternidade era a ausência da causa eficiente era indevida. Da mesma origem advém o argumento que afirma o começo do mundo devido à presença da causa eficiente, ou simplesmente da existência de uma relação causal entendida de modo geral.

Ademais, não é o caso que tenha sido apresentado um argumento que, supondo a ausência da causa eficiente do mundo, conclua que o mundo é eterno. Isso não acontece nem na ST, nem na SCG. Porém, em ambas há o argumento no qual se afirma uma causa e conclui-se um início. Desse modo, nota-se que é mais comum que nos textos a relação entre a presença da causa eficiente e a tese do mundo com começo conjugadas do que o seu par oposto. É interessante notar que é vários dos argumentos a favor do mundo eterno concluem a tese devido a alguma característica da própria causa eficiente, como por exemplo a ação de Deus ser eterna.

Em suma, no que tange a essa relação mais específica entre a causa eficiente e a eternidade, em específico a premissa da ausência da causa eficiente tendo como conclusão a tese do mundo eterno, não há nenhuma passagem que apresente esse tema na SCG. Eles são mencionados apenas no DA e na ST.

4.2 Remoção da Potência Passiva

O trecho mais importante que trata sobre esse assunto em específico é mostrado a seguir:

Depreende-se ainda que não é necessário que uma potência passiva preceda o ser de todos os entes criados, como concluía o terceiro argumento. Ela é necessária nas coisas que têm o princípio do ser por movimento, porque o movimento é o ato do existente em potência. Entretanto, foi possível o ente criado ser, antes de ser, pela potência do agente, pela qual também começo a ser, ou pela correlação dos termos, entre os quais não há repugnância alguma, o que se diz possível, mas não segundo alguma potência, como ensina o Filósofo (Metáfísica V). O predicado ser não repugna aos sujeitos mundo ou homem, como o comensurável

repugna ao diâmetro. Por conseguinte, não é impossível que seja e, conseqüentemente, que seja possível ser antes de ser, embora não existindo potência alguma. Mas, nas coisas feitas por movimento, é necessário que a primeira tenha sido possível por alguma potência passiva, e para elas o Filósofo usa deste argumento.(AQUINO, 1990, pg. 225)[3]¹

Na ST, o argumento presente na objeção 1 do artigo 1 tinha como premissa a seguinte proposição: tudo o que começa a ser, antes de ser era possível ser. Como o que respondia pela possibilidade no argumento era somente a matéria, ela teria de existir antes do mundo, o que é impossível. Assim, dado que o mundo existe, e essa possibilidade não pôde ser dada antes do mundo, o mundo sempre existiu.

Na SGC, Tem-se um argumento análogo, que se utiliza da mesma premissa que o argumento da ST. Porém, interpreta que o que responde pela possibilidade de algo é um “ente em potência”. Ou seja, algo que existe e tem a possibilidade para se tornar outra coisa. O argumento continua de um modo estranho, pois afirma que, sendo assim, não pode se prosseguir nisso indefinidamente, o que faz necessário que haja um primeiro sujeito que não tenha começado. Dado, que o argumento pretendia ser um argumento em prol do mundo eterno, a conclusão deveria ser que o mundo é eterno. Porém, o que se tem aqui como conclusão é a necessidade de um primeiro sujeito, algo muito parecido com a terceira via das provas de Deus. Ademais, a parte que afirma que prosseguir indefinidamente é impossível parece estranha a um argumento a favor da tese da eternidade do mundo.

A estrutura do argumento é muito semelhante ao argumento da ST, porém o final se diferencia bastante. Já o seu propósito, compreendido pelo contexto no qual o argumento está inserido, também é igual ao da ST, porém sem expressar explicitamente a conclusão, nem indicar a concatenação final para se chegar à conclusão.

A resposta ao argumento na ST reforçou que o que responde em absoluto pela possibilidade do mundo é a sua potência ativa. Na resposta ao argumento análogo na SCG, temos uma resposta praticamente igual. Tomás afirma que todas as coisas que tem o princípio do ser por meio do movimento dependem de uma potencia passiva que se apresente como possibilidade para o ser. Porém, dado que o caso é o mundo, a potência ativa é que responde pela possibilidade do mundo. Desse modo, Tomás afirma: “não é impossível que seja, [...], não existindo potência [passiva] alguma”.

¹ Em latim: Ex hoc etiam patet quod non oportet aliquam potentiam passivam praecedere esse totius entis creati, ut tertia ratio concludebat. Hoc enim est necessarium in illis quae per motum essendi principium sumunt: oe quod motus est actus existentes in potentia. Possibile autem fuit ens creatum esse, antequam esset, per potentiam agentis, per quam et esse incoepit. Vel propter habitudinem terminorum, in quibus nulla repugnantia invenitur: quod quidem possibile secundum nullam potentiam dicitur, ut patet per Philosophum, in V Metaph. Hoc enim praedicatum quod est esse, non repugnat diametro: et sic sequitur quod non sit impossibile esse, et per consequens quod sit possibile esse antequam esset, etiam nulla potentia existente. In his autem quae per motum fiunt, oportet prius fuisse possibile per aliquam passivam potentiam: in quibus Philosophus, in VII methaphys, hac utitur ratione.

4.3 Causa Atuante Anterior

O argumento relativo a esse tema é um dos menores, ele consta como um argumento a favor do mundo com início, portanto está na quarta parte. Ele é como segue:

Foi demonstrado que Deus é a causa do ser de todas as coisas. Ora, a causa, devido a sua operação, deve preceder o efeito. (AQUINO, 1990, pg. 226)[3]²

O argumento tem como premissa a estrutura mais simples de causa e efeito no qual a causa antecede o efeito. Fala-se no argumento que devido à operação da causa, ela obrigatoriamente antecede o efeito. Assim, como Deus é a causa, ele é anterior na sua relação com o que é feito, que é o mundo. Concluindo, portanto, que o mundo teve um início devido a ter tido uma causa.

A resposta que Tomás dá também não apresenta nenhuma novidade. A estrutura usada para analisar a relação entre Deus e o mundo só é válida para operações por meio de movimento. Assim, é retomado que para as ações instantâneas não há esta distância temporal entre a causa e o efeito. O que é diferente na SCG é o exemplo apresentado por Tomás de Aquino. A ação instantânea aqui é o sol iluminando o hemisfério.

Na ST, o conceito utilizado é mais específico, fala-se de causa eficiente. Aqui, na SCG, simplesmente é dito que Deus é a causa do ser de todas as coisas. Portanto, o conceito de causa é usado de uma maneira genérica. Porém, dado que a resposta é a mesma para ambos os argumentos, subentende-se que a causa em questão seja a eficiente. O próprio

4.4 Não-ser Anterior

A passagem mais importante que diz respeito a esse tema em específico é exposta a seguir:

Além disso, sendo todo ente criado por Deus, não se pode dizer que o ente foi produzido por outro ente, e assim, só resta afirmar que é feito do nada. E, conseqüentemente, tem o ser após o não ser. (AQUINO, 1990, pg. 226)[3]³

O argumento relacionado ao conceito de não ser é ligeiramente diferente do da ST, que é mais semelhante ao do DA. O argumento é que, dado que todo ente é produzido por Deus, não pode ser produzido por outra coisa. O que leva a concluir que ele é feito do

² Em latim: Deum enim esse omnium rerum causam est demonstratum. Causam autem oportet duratione praecedere ea quae per actionem causae fiunt.

³ Em latim: Item. Cum totum ens a deo sit creatum, non potest dici factum esse ex aliquo ente, et sic relinquitur quod sit factum ex nihilo. Et per consequens quod habeat esse post non esse.

nada, assim entendido como temporalmente indicado uma sucessão ao nada. Tomás afirma que a proposição contraditória a “algo é feito de algo” é “algo não é feito de algo”, não “algo é feito do nada”. Aparentemente, Tomás atenta para a dificuldade presente no uso do conceito “nada”. Afinal, tal uso leva a tomar o nada como tendo algum tipo de existência, na medida em que ele tem existência no tempo, pois está em uma relação temporal com o mundo. Isso parece, de fato, levar a conclusões estranhas.

Tomás parece afirmar que o nada está sendo tomado como uma entidade e, por isso, está sendo interpretado que o mundo sucede o nada. Entretanto, não é o caso que o nada possa ter existência temporal, pois o tempo é a medida da mudança segundo Aristóteles. É necessário que exista matéria para que exista mudança, e, por conseguinte, para que exista tempo. Daí, conclui-se que o nada não pode ter existência temporal. Portanto, não é porque o mundo não foi feito de algo que o não ser antecedeu o mundo e, portanto, o mundo começou.

A estrutura do argumento é a mesma nos três textos: utiliza-se o conceito de não ser como estando em uma relação temporal com o mundo para que daí se deduza que o mundo teve um começo. A conclusão de Tomás, aqui, também é a mesma que nos outros dois textos: o mundo não é feito após o nada. Nem pela interpretação da passagem que as coisas são feitas do nada, nem que não são feitas de algo.

5 CONCLUSÃO

O objetivo desse trabalho era comparar os textos de Tomás de Aquino que tinham como temática a questão da eternidade. A comparação foi feita de modo a ressaltar alguma diferença significativa ou mudança de opinião do autor ao longo dos seus escritos. Porém, as diferenças encontradas entre os textos são mínimas, encontram-se no nível do detalhe, na mudança de um exemplo de um texto para outro, ou em um argumento com premissas levemente diferentes.

O fio condutor desse trabalho foi o opúsculo DA. Portanto, os tópicos escolhidos para a análise nos demais textos, ST e SCG, foram aqueles que eram próximos da argumentação do opúsculo. Como foi dito antes, existem vários outros argumentos a favor de ambos os lados do debate do começo do mundo que constam nesses textos, mas que não foram analisados. Portanto, em uma análise mais completa, que procure ampliar o escopo dos conceitos analisados, faz-se mister que se inclua os demais argumentos que foram deixados de lado por este trabalho. Afinal, a razão da sua ausência é simplesmente o fato de eles não estarem presentes na argumentação do DA, por isso foi-lhes atribuído um valor secundário.

Ademais, esse trabalho tangenciou um dos pontos mais importantes da obra de Tomás de Aquino, que é a sua compreensão da relação entre a fé e a razão. O melhor lugar para se falar disso é aqui nas considerações gerais.

O PEM é um ótimo caso para se analisar como Tomás de Aquino entende essa relação. Ele responde a questão geral de uma maneira não muito comum para a sua época. Como foi visto, ele argumentou que, embora haja uma resposta acessível aos seres humanos, não encontraremos uma resposta nas bases racionais pelas quais se tinha feito a primeira abordagem do problema. Ele afirmou que a razão é incapaz de prover o conhecimento procurado, assim a investigação racional não chega a decidir sobre a questão do começo do mundo.

Nesta questão, parece clara a separação dos âmbitos teóricos da fé e da razão. É no primeiro âmbito que Tomás se apoia fortemente na filosofia marcada principalmente pela presença de Aristóteles, onde Tomás começa a investigação, que o leva a concluir pela indecidibilidade da questão. No segundo, então, procurado após esta decisão, que se estabelece – pela fé – que o mundo teve um início.

A grande consequência da posição adotada por ele no debate é ter de defender a compatibilidade da tese da eternidade com a tese de criação, ônus que aqueles que julgavam impossível a tese da eternidade não teriam, afinal, embora não sejam probatórios os argumentos para qualquer um dos lados, a possibilidade para ambas as características do mundo deveria ter sido real. Assim, deve-se aumentar a credibilidade da possibilidade

do mundo eterno, tal é a empreitada que foi feita para defender sua resposta geral ao problema.

Após a impossibilidade de decidir entre a dicotomia de um mundo eterno ou um mundo com início no tempo, Tomás recorre a outro tipo de fonte de verdades da época: a revelação. Mesmo que radicalmente diferentes em natureza epistemológica, os dois sistemas de pensamento não eram vistos como concorrentes. Portanto, é compatível que Tomás de Aquino procure outro método de decidir a questão.

Como já foi falado, há uma certa prioridade do domínio da razão no que diz respeito à decisão das questões filosófico-teológicas. Parece ser o caso que se se pode decidir a questão utilizando as próprias capacidades intelectuais não é necessário que se utilize outro recurso. Por isso, primeiramente, Tomás aborda as questões filosóficas através da análise de argumentos. Caso as nossas capacidades sejam insuficientes, ainda há outro meio de decisão. Porém, não é o caso que essa segunda maneira seja de algum modo menor.

Dado que a teologia cristã é uma doutrina da salvação, o conteúdo da revelação é direcionado para tal fim. Acredita-se que Deus revelou algumas proposições aos homens para que por meio delas eles possam ser salvos, o qual constitui a finalidade última dos homens na terra.

Assim, pode ser o caso que uma questão de interesse filosófico também seja interessante para os fins da igreja. Assim, quando há sobreposição de ambas as áreas, uma resposta pela fé pode ser dada para uma questão filosófica. Entretanto, aceitar uma interpretação da bíblia como resposta a uma questão filosófica é uma questão de interpretar tal passagem como expressando justamente uma posição a algum questionamento filosófico. Nesse sentido, tais paralelos podem ser controversos, afinal não há maneira fácil de tomar palavras que podem estar no seu sentido literal como conceitos de filosofia. O artigo de fé é uma tese aceita pela igreja, porém ela advém de uma interpretação. A natureza das respostas pela fé, portanto, é tal que nem sempre se pode interpreta-las como sendo respostas para as questões filosóficas.

Ademais, a questão da eternidade parece ter dois âmbitos distintos na medida em que existe um primeiro movimento onde há análise de argumentos que pretendem ser demonstrações; e um segundo momento no qual se estabelece que a resposta para a pergunta colocada não aceita argumentos, mas encontra sua justificação para aceitá-la por outro meio. É difícil evitar que se erga um muro entre essas duas maneiras de se lidar com questões disputadas. É controverso, porém, que se separem de maneira tão rígida os domínios. Primeiramente, se a questão encontra uma resposta pela fé, então ela tem alguma pertinência para a teologia. Portanto, mesmo quando Tomás analisava argumentos no que parecia ser um âmbito estrito da filosofia sua motivação tinha eco em questões relevantes para a teologia. Em suma, mesmo que a natureza dessa questão nos leve a traçar radicalmente uma separação entre os movimentos da sua argumentação, ela pode

ser enganosa.

Em suma, todo trabalho tem seus limites práticos, o tempo é um deles. O trabalho seria outro em um espaço de tempo maior. Portanto, foi necessário que se estabelecesse alguns limites no que tange a abrangência do tema. Assim, uma análise mais pormenorizada pode chegar a conclusões diferentes das que se chegou neste trabalho. Desse modo, até onde foram analisadas, as três obras de Tomás de Aquino sobre esse tema formam um todo coerente. Visto que elas foram feitas em tempos distintos da vida do autor, esse fato poderia ter acarretado diferenças na abordagem dos temas, inclusive uma ou outra opinião poderia ter mudado. Essa era a principal razão teórica para a análise comparativa das obras e, portanto, é o legítimo ponto ao qual se pretendia chegar.

Referências

Obras do Tomás de Aquino

- [1] AQUINO, T. *De Aeternitate Mundi*, Medievalia V.9. 1996.
- [2] AQUINO, T. *Suma Teológica*, São Paulo. Loyola, 2 ed. 2005.
- [3] AQUINO, T. *Suma Contra os Gentios*, Porto Alegre, Sulina, v.2. 1990.

Bibliografia Secundária

- [4] AERTSEN, J. *The eternity of the world: the believing and the philosophical Thomas. Some comments.*, The Eternity of the World, E.J.BRILL, Leiden. 1990.
- [5] DALES, Richard C. *Medieval Discussions of The Eternity of the world. Vol. 18.* E.J.Brill. Leiden, 1990.
- [6] GRIJS, F. *The theological character of Aquinas' De Aeternitate Mundi*, The Eternity of the World, E.J.BRILL, Leiden. 1990.
- [7] JORDAN, M. *Theology and Philosophy.* In: *The Cambridge Companion to Aquinas.* KREZTMANN N., STUMP E. (ed.). Cambridge University Press, 1996.
- [8] OWENS, J. *Aristotle and Aquinas.* In: *The Cambridge Companion to Aquinas.* KREZTMANN N., STUMP E. (ed.). Cambridge University Press, 1996.
- [9] TORRELL, J.P. *Iniciação a Santo Tomás de Aquino*, São Paulo: Loyola. 2 ed. 2004.
- [10] WILKS, Ian, *Aquinas on the past possibility of the world's having existed forever*, *The Review of Metaphysics*, vol. 48, no. 2, p. 299, 1994.
- [11] WIPPEL, J. *The De aeternitate mundi Revisited*, *Journal of the History of Philosophy*, Volume 19, Number 1, January 1981, pp. 21-37
- [12] WIPPEL, J. *Metaphysics.* In: *The Cambridge Companion to Aquinas.* KREZTMANN N., STUMP E. (ed.). Cambridge University Press, 1996.